



## MATERIALIDADE E IDENTIDADES POÉTICAS: MODUAN MATUS E CHACAL

Idemburgo Pereira Frazão Félix<sup>1</sup>

Eduardo Salles<sup>2</sup>

**Resumo:** Intenta-se, com o artigo aqui apresentado, refletir sobre questões relacionadas às problemáticas das marginalidades e das materialidades da comunicação, nas obras de Chacal e Moduan Matus. Entende-se o termo margem, aqui, como aquilo que não ocupa ou se insere em um centro, seja ele político, social, cultural, literário, ou qualquer outro. E, materialidade, é um termo que se refere às bases mesmas das possibilidades de produção comunicativa e, por extensão, a poética. Portanto, marginal, neste artigo não aponta para infrações da lei, mas para conteúdos, comportamentos e estratégias ficcionais não convencionais ou não incorporados à tradição. É aí que a produção em mimeógrafo e a giz, praticada por ambos, respectivamente, se apresentam. O eixo do texto aqui apresentado centra-se na articulação propositada de um diálogo entre as poéticas desses dois autores cujas obras se relacionam, cada qual com suas peculiaridades, à temática da marginalidade, na literatura. São eles, Moduan Matus e Chacal. Entende-se, portanto, que cada um dos dois autores, guardadas suas fortes diferenças entre si, destaca-se (ou se destacou no início de suas carreiras), na literatura, por figurar, de alguma maneira, nos territórios das margens. Mais especificamente intenta-se chamar a atenção, a partir da interpretação de fragmentos de obras dos autores citados, para maneira como permitem que se reflita sobre as problemáticas das identidades, marginalidades e materialidades da literatura.

**Palavras-chave:** Moduan Matus, Chacal, literatura marginal, materialidades da literatura e lugar de fala.

**Abstract:** The intent of the present article is to reflect upon marginalities and the materialities of communication in the works of Chacal and Moduan Matus. It is understood that the term marginal, in this article is something that is not in the centre, be it political, social, cultural, literary or any other. Said materiality is a term that refers to the bases of possibility in communicative production and by extension the poetic production. Therefore, marginal, in this paper does not point to law infractions, but contents, behaviours and non conventional fictional strategies, the production with the use of mimeographs and chalk, practiced by both authors, respectively, present. The axis of the text here presented is focused on the articulation of a dialog between both authors' poetics, whose works relate, with their own peculiarities, to the theme of marginality, in literature. Moduan Matus and Chacal. It is understood that each author keeps their own strong difference, highlighting himself in the field

<sup>1</sup> Professor Adjunto do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes da UNIGRANRIO.

<sup>2</sup> Graduando do Curso de Letras da UNIGRANRIO e Bolsista de Iniciação Científica – CNPq.



of literature, in some way, in marginal territory. More specifically it is intended to seek attention, from the interpretation of the works of the cited authors, to the manner that the identity, materiality and marginality problematics can be reflected upon.

**Key words:** Moduan Matus, Chacal, Marginal Literature, Literature Materiality and Place of Speech.

### Considerações iniciais

O artigo que aqui se apresenta propõe e realiza um diálogo entre a obra de dois autores que se relacionam à poesia marginal. Moduan Matus e Chacal. Respectivamente, esses pseudônimos pertencem a Edgard Vieira de Matos, Ricardo de Carvalho Duarte. Compreendendo que há diferenças marcantes entre esses poetas - que também são amigos -, no que se refere às suas estratégias textuais e, mesmo a comportamentos pessoais, intenta-se interpretar algumas de suas obras, a partir da problemática das marginalidades, passando, “en passant”, pela questão das materialidades da literatura, como a denomina Hans Ulrich Gumbrecht. Serão apresentadas também questões inerentes aos territórios geográficos e poéticos dos poetas, refletindo a partir da noção de lugar assim como a entende o geógrafo sino-americano Yi-fu Tuan.

De acordo com Tuan, o lugar, mais que um espaço comum, mantém com o ser humano uma relação de grande intimidade. Para Tuan, o lugar deve ser entendido como o lar. Portanto, o lugar é um espaço que marca fortemente a psique do ser humano.

Destacam-se, aqui, no início do artigo, elementos constitutivos do termo marginal na literatura Brasileira, que recebe forte ênfase na década de 1970. A poesia marginal de 1970 nasceu e cresceu em meio a ditadura civil-militar, Como pode ser visto na fala de Heloísa Buarque de Hollanda (1989, P. 21), “O campo intelectual poderá desempenhar então, nessas condições, ainda que de forma não homogênea, um papel de ‘foco de resistência’ à implantação do projeto representado pelo movimento militar.”



Começou como parte do movimento da contracultura, que possuía ideais de liberdade e trazia um novo olhar para as questões de lugar de fala, embora a expressão lugar de fala só tenha passado a ser utilizada tempos depois do momento aqui destacado. Acerca da questão do lugar de fala, utiliza-se aqui a reflexão de Gayatri Spivak, em *Podemos o subalterno falar* (Spivack, 2010), embora o autor a indiana se refira, em seu estudo, mais diretamente à problemática dos gêneros.

A chamada poesia marginal da década de 1970 apoiava-se, em termos poéticos e temáticos, no espírito do movimento modernista. O movimento poético, que também se denominou Geração mimeógrafo, em suas nuances mais recorrentes, nos permite remontar a elementos tratados no manifesto antropófago de Oswald de Andrade. Neste, o poeta modernista afirma “A poesia existe nos fatos. Os casebres de açafão e de ocre nos verdes da favela” (ANDRADE, 1928, 21)

57

O que se passou a denominar marginal, em realidade, se relaciona ao distanciamento propositado, mantido entre os jovens poetas e as editoras.

Geralmente ele vem justificado pela condição alternativa, à margem da produção e veiculação no mercado, mas não se afirma a partir dos textos propriamente ditos, isto é de seus aspectos propriamente literários. (Hollanda, 1992, P.99)

No caso da comparação aqui propostas entre obras e autores de gerações diferentes, pelo menos no que diz respeito ao momento em que tais obras e autores passaram a ser mais conhecidos, o termo marginal variará de sentido.

Moduan Matus (Edgard Vieira Matus) estava focado no *front* cultural de nova Iguaçu -embora não apenas - promovendo sua poética de maneira diferente dos demais de sua época, (os poetas da geração marginal). Enquanto estes criavam suas obras utilizando o mimeógrafo, o poeta e “agitador cultural” baixadense escrevia nas portas de lojas, quando as mesmas estavam fechadas, com giz poesias. Embora também possa ter utilizado “clássico” mimeógrafo, a marca de Moduan Matus e seu grupo Caco de giz era mesmo a “gização”.



Tais “gizações”, no que diz respeito à sua materialidade literária, no sentido utilizado pelo crítico literário e professor alemão Hans Ulrich Gumbrecht, inerente à forma de produção das obras, nos remetem a uma conhecida e importante reflexão de Walter Benjamin:

nessa existência única, e somente nela, que se desdobra à história da obra. Essa história compreende não apenas as transformações que ela sofreu, com a passagem do tempo, em sua estrutura física, como as relações de propriedade em que ela ingressou. Os vestígios das primeiras só podem ser investigados por análises químicas ou físicas, irrealizáveis na reprodução; os vestígios das segundas são o objeto de uma tradição, cuja reconstituição precisa partir do lugar em que se achava o original. (BENJAMIN, 1955, P.1)

A obra literária, em seu costumeiro suporte, o papel, como que cria uma aura artística para a obra. E a aura marca uma prioridade. Quem está na presença de uma obra de arte, como a Monalisa, de Leonardo da Vinci, ou Davi, de Michelângelo, presencia um momento único. Assim, quando se passou a produzir a imagem dessas obras, em série, o que foi permitido pelas técnicas de reprodução, Benjamin afirma que a arte perdeu sua aura, o valor de “culto”. Embora, no caso da poesia, diferente das artes plásticas, já se espere que haja uma distribuição de exemplares, no que diz respeito à reprodução da arte, por mimeógrafo, o meio material de criação e divulgação limita sua multiplicação. Ou seja, podemos afirmar que, por não se atrelar às grandes editoras, e produzir poucos e, muitas vezes precários, exemplares, mantinha-se, em relação aos poemas, uma certa aura. Isso se dava pelo fato de que poucos teriam acesso à obra. E cada exemplar era um original. Tais obras eram vendidas nas portas de bares, cinemas, dentre outros locais. Assim, Moduan Matus, consciente ou inconscientemente, punha em questão a eterna questão da perenidade da arte e, principalmente a questão de sua materialidade. A gização aponta para a fragilidade da exposição artística, na medida em que o giz, em tempo razoavelmente curto, pode se extinguir, levando consigo a arte que auxiliou, materialmente, a existir.

Poucos tinham acesso àquele poema, naquele invólucro artesanal. Desta maneira, podemos afirmar, que, de certa forma, esse tratamento dado à arte por Moduan e seus companheiros de gização, pode ser comparável, de certa forma,



à problemática da perda da “pureza”, como nos parece apontar Walter Benjamin em seu texto “obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica”.

É uma figura singular, composta de elementos espaciais e temporais: a aparição única de uma coisa distante por mais perto que ela esteja. Observar, em repouso, numa tarde de verão, uma cadeia de montanhas no horizonte, ou um galho, que projeta sua sombra sobre nós, significa respirar a aura dessas montanhas, desse galho. Graças a essa definição, é fácil identificar os fatores sociais específicos que condicionam o declínio atual da aura. (Benjamin, 1955, P.3)

Walter Benjamin discorre sobre a pureza a obra de arte que não pode ser reproduzida, perdendo sua “essência”, sua aura, no processo, como pode ser visto no trecho:

Mesmo na reprodução mais perfeita, um elemento está ausente: o aqui e agora da obra de arte, sua existência única, no lugar em que ela se encontra. E nessa existência única, e somente nela, que se desdobra à história da obra. Essa história compreende não apenas as transformações que ela sofreu, com a passagem do tempo, em sua estrutura física, como as relações de propriedade em que ela ingressou. (BENJAMIN, 1955, P.2)

59

Ampliando e trazendo à discussão da problemática da aura, para momentos contemporâneos, reflete-se, aqui, da possibilidade de afirmar que é possível dizer que Moduan dessacraliza mais ainda que os poetas do mimeógrafo a recepção da obra de arte, ao apresentá-la de maneira tão vulnerável. Isso se dá pelo fato de o poema nem mesmo utilizar como suporte o papel. Mas também se poderia afirmar que, ao contrário, se as obras escritas a giz fossem originais, a perda da aura se tornaria mais difícil, pois a obra se esvairia e não poderia ser mais visualizada.

Facilmente removido, o poema a giz como que aponta para a própria fragilidade ultrapassa os valores estipulados por Benjamin ao criar poesias que seriam logo apagadas e sendo criadas novamente em algum outro lugar, mas não perdendo sua unicidade, pois mesmo perante a fala de Benjamin pode se ver que cada momento em que uma poesia era escrita numa fachada de loja era um momento de luta cultural e existencial único. Para além de promover novos caminhos para a literatura brasileira, era uma prova de demonstrar que as regiões periféricas existem, resistem e mais importante tem sua voz.



Aproveitando a remissão à obra benjaminiana sobre o lugar da obra de arte, torna-se importante refletir sobre ligação de Moduan e suas poesias, com seu lugar, a Baixada Fluminense. O termo “lugar” sendo empregado no mesmo sentido estudado pelo geógrafo humanista sino americano que Yi-fu Tuan. Esse estudioso da geografia humanística entende que há uma diferença crucial entre os termos lugar e espaço. Um lugar seria uma localização com a qual o cidadão tem uma relação íntima de pertencimento, enquanto o espaço é uma localidade sem relação psicológica com a pessoa. Percebe-se que a diferenciação entre espaço e lugar está no maior ou menor vínculo afetivo. “Espaço e lugar são termos familiares que indicam experiências comuns. O lugar é segurança e o espaço é liberdade: estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro.” (TUAN, 2013, P.1)

Também na fala, “Os espaços são demarcados e defendidos contra invasores. Os lugares são centros aos quais atribuímos valor e onde são satisfeitas as necessidades biológicas de comida, água, descanso e procriação.” (TUAN, 2013, P.1) O lugar para Moduan é Nova Iguaçu, a baixada fluminense e, por extensão, o Brasil. O poeta emancipa seu afeto por sua região, mesmo quando a critica, como se pode observar no seguinte poema sem título:

Nada  
Impede  
A baixada  
Nem as  
Lombadas.  
(Matus, Moduan. 2019)

No poema acima, escrito por Moduan durante a realização do II Seminário Sobre as Margens: Vozes da Periferia, realizado no Campus de Duque de Caxias da Universidade do Grande Rio (UNIGRANRIO), promovido pelo grupo Margens da Literatura/CNPq, é possível perceber, a maneira como o eu lírico sintetiza a cosmovisão do autor. Para Matus a baixada fluminense é um ponto de resistência e avanço. Resistência, na medida em que ratifica a importância da iniciativa de professores e alunos da Universidade caxiense em trazer para a discussão aspectos poético-culturais da Baixada Fluminense. Matus aproveita o



meomento em que o espaço acadêmico se abre para a arte local e faz a crítica à falta de cuidados do poder público para com lugar seu lugar.

As lombadas, citadas na pequena e significativa obra, aponta para diversos problemas enfrentados pelos moradores da Baixada Fluminense, e para outros descasos com o seu lugar. Esse exemplo de denúncia pode ser encontrado em inúmeras partes da obra desse poeta que ultrapassa a mera denominação de poeta marginal, ou, mais ainda, incorpora essa denominação como bandeira de luta pela cultura da Baixada Fluminense. Essa mesma problemática pode ser encontrada em uma poesia não intitulada:

Um estado social periférico estereotipado em;  
Deáreadogrande rionuncapassará  
Sabequesuburbanosempreserá  
Esenãofizerporsininguémfará.  
Assentou-se as microrregiões  
Na mesorregião baixadense de verossimilhanças.  
E a vida, lagarteando, feito o trem  
Sua de sol a sol; buscas:  
De alto-estima  
De abaixo estigmas  
De reconhecimento aguerrido  
Ao direito de ir, vir e ver:  
Sol brilhar, gente crescer  
Igualdade pertencer, ser cúmplice do lugar.  
(Matus, Moduan. Sem data)

61

Como se vê, reitera-se, o poeta iguaçuano reflete sobre a da área da Baixada como um front de resistência à opressão sofrida pelas regiões e classes não marginalizadas. O eu-lírico, no poema mostra que, apesar destas dificuldades, a Baixada ainda prospera e anseia por melhores direitos e oportunidades. Isso pode ser ratificado no verso: “se não fizer por si ninguém fará”. Isso se encaixa nas reflexões contemporâneas do sociólogo Zygmunt Bauman, que podem ser encontradas no livro “Vidas Desperdiçadas”. Vejamos uma passagem elucidativa a esse respeito.

Do ponto de vista da lei, a exclusão é um ato de auto-suspensão. Isso significa que a lei limita sua preocupação com o marginalizado/excluído para mantê-los fora do domínio governado pela norma que ele mesmo circunscreveu. A lei atua sobre essa preocupação proclamando que o excluído não é assunto seu. Não há lei para ele. A condição de excluído consiste na ausência de uma lei que se aplique a ela. (BAUMAN, 2005. P.43)



A partir das reflexões aqui apresentadas, pode-se confirmar que a Fluminense, que se situa no Recôncavo Guanabará, no Rio de Janeiro, é um lugar que costuma ser deixado de lado, onde o governo parece não existir, pelo menos no que diz respeito à cultura.

O poema mostra que é preciso que se tome iniciativas efetivas em relação à gestão social baixadense. Ou que se busque um jeito de se autogovernar. E isso pode ser visto, em ambos poemas, onde um demonstra a falta de apoio governamental e que se ela não fizer por si ninguém o fará e no outro poema que é visto que nem com os diversos tropeços e dificuldades a Baixada Fluminense segue com toda sua força.

### **Outra face das margens**

Chacal, Ricardo de Carvalho Duarte, tornou-se conhecido como um dos mais importantes poetas da geração marginal. Diferente de Moduan Chacal se utilizava do mimeógrafo para difundir seu trabalho artístico. Seu foco poético partia de uma visão, ao mesmo tempo antropofágica, trabalhava com nuances advindas de uma visão que, direta ou indiretamente, consciente ou inconscientemente, vislumbra certa visão da classe média, embora com uma consciência humanística incontestável. Heloisa Buarque de Holanda aponta para o engajamento dos intelectuais e autores da época em relação à Ditadura Civil Militar. “Os membros do CPC optaram por ser povo, por ser parte integrante do povo, destacamentos de seu exército no *front* cultural.” (Holanda, 2004, P.18).

Já nessa frase pode se ver que existe um desejo de incluir as partes marginalizadas da sociedade nas discussões intelectuais da época. Mas também é visível que existe um distanciamento dentre os dois grupos, a poética de Chacal segue este ritmo de se engajar em causas sociais, mas não conseguir se inserir nelas completamente por não estar dentro de seu lugar de fala. Entende-se como Lugar de fala, a apropriação por parte do sujeito, de sua própria identidade, com utilização de sua fala como forma de exigir seu direito a voz,



portanto de exercer cidadania plena, sem a necessidade de qualquer mediação externa. (Ver: Spivack, 2010)

Djamila Ribeiro, em sua obra “lugar de fala” trata justamente desse posicionamento, do lugar de fala e pessoas de fala de certa forma se apropriando da conversa:

Seria preciso entender as categorias de raça, gênero, classe e sexualidade como elementos da estrutura social que emergem como dispositivos fundamentais que favorecem as desigualdades e criam grupos em vez de pensar essas categorias como descritivas da identidade aplicada aos indivíduos (RIBEIRO,2019, P. 60 - 61)

Dentro da poesia de Chacal é visível a preocupação com o estado do mundo e as causas sociais, mas de um ponto de vista diferente, onde ele se preocupa com causas muito próximas das trabalhadas por Moduan, embora, tenhamos, em nossas discussões apontado para a face da poesia de Moduan dedicada à Baixada Fluminense. Vejamos o poema “Só dos terratenientes”:

Não tenho nenhuma observação  
a fazer sobre a vista da varanda.  
nenhuma,  
a não ser o céu largo e iluminado  
dos subúrbios do rio de janeiro.  
céu que se alonga ao longo do mundo inteiro.  
não é de todo mundo a terra q é redonda.  
(Chacal. 2007. P.217)

No poema citado, o poeta demonstra não estar preocupado com a vista da varanda, as pequenas causas. Mas quando a vista se abrange e passa a ser o mundo inteiro ele passa a demonstrar interesse. Esta falta de interesse nas pequenas causas talvez venha da falta de apinhamento de tais causas para Chacal.

Apinhamento é termo utilizado por Yi-Fu Tuan, relacionado a algo que traga a pessoa a uma realidade que não seja a sua, um entendimento de mundo que não seja somente o seu próprio, isso é visto na fala de Tuan em seu livro “ espaço e lugar”:

À medida que as outras pessoas penetram no espaço a sensação de espaciosidade dá lugar a de apinhamento. E são as pessoas mesmo que nos apinham, elas mais que as coisas, podem restringir nossa liberdade e nos privar de espaço. Mas também podem ampliar nosso mundo. (Tuan, 2013, P.9)



Chacal também utilizava suas obras como forma de impor seu lugar de voz, mesmo em meio à ditadura militar. Um dos lugares que buscou para dar vazão à sua voz poética foi o CEP 20.000, que seria um lugar em que qualquer um pudesse se expressar de forma poética, assim dando um lugar para as vozes que costumavam ser sufocadas pela falta de oportunidade. No poema “voz ativa” Chacal expressa a falta de um espaço para a fala de muitos grupos marginalizados:

Todos têm uma voz  
alta, baixa, aguda, grave  
rouca, intensa, suave

todos têm uma voz  
só que muitos não a usam  
com medo de tudo e todos

e assim deixam que outra  
que não sua mas de outro  
tome então o seu lugar

e saem por aí dizendo coisas  
que na real não acreditam  
mas que não tem força de evitar

porque sua voz foi vendida  
é o novo dono quem fala  
e a voz verdadeira, silenciada

ainda assim ela está lá  
reprimida inibida sufocada  
à espera do dono verdadeiro

torcendo pra que ele quebre  
de repente a mordaça do medo  
e fale aquilo que sempre quis

então quem falava por ele  
baterá rapidinho em retirada  
e a voz terá de novo a sua voz  
(...)

Aqui, se põe em destaque a questão da mediação, que deve ser expurgada. o povo marginalizado deve buscar seu próprio lugar de voz, sem mediação de quem quer que seja. Vejamos como Djamila Ribeiro trata dessa questão :



As experiências desses grupos localizados socialmente de forma hierarquizada e não humanizada faz com que as produções intelectuais, saberes e vozes sejam tratados de modo igualmente subalternizados, além das condições sociais os mantém num lugar silenciado estruturalmente. (RIBEIRO, 2019, P.63)

Justamente contra essa hierarquização sistêmica do direito de fala, Chacal criou o centro de experimentação poética CEP 20.000 nos anos 1990, que seria uma forma de abrir os canais de comunicação para todas as pessoas que quisessem ser ouvidas. Na entrevista que fez com o poeta e apresentador Rogério Skylab. Chacal fala sobre o sentimento das pessoas que frequentavam o CEP 20.000 na época de sua abertura:

A poesia começou a encantar muito a juventude ali naquele período porque não precisava escrever livro para ser poeta. Era a primeira vez que o pessoal (es)tava ouvindo uma poesia falada sem ter aquele ranço da voz empostada, do poema falado de uma forma mais careta. (Chacal, 2013.)

Assim Chacal abria um canal, que perdura até os dias de hoje, para a juventude de a época poder se expressar da maneira que achasse melhor dentro de um lugar que lhes permitisse voz sem julgamentos e hierarquia.

## **Conclusão**

Destacaram-se, durante o desenvolvimento deste artigo, aspectos relacionados à relação da chamada poesia marginais com o primeiro ciclo do Modernismo Brasileiro, com destaque para elementos dialogais contidos no manifesto antropofágico de Oswald de Andrade, por parte de Ricardo de Carvalho, o Chacal. Apontou-se, também para a importância da temática do lugar, na obra de Moduan Matus, juntamente com a problemática da materialidade da literatura. Referente à materialidade, entendida enquanto “as condições concretas de articulação e transmissão de uma mensagem”, remetemos, aqui aos estudos realizados pelo alemão Hans Ulrich Gumbrecht, em suas obras, retratadas em livros como *Corpo e Forma*, obra organizada por João César de Casteo Rochapara a Ed.UERJ.

No eixo das reflexões dialógicas estão as problemáticas das identidades e das marginalidades, motivadas pela relação dos dois poetas com a chamada



poesia marginal da década de 1970. Apontadas as diferenças, principalmente em relação ao local geográfico e de fala, foram analisados poemas que permitem a discussão sobre a importância do lugar e das formas de criação e divulgação das obras na produção poética.

Moduan e Chacal, continuam empunhando a palavra como arma e forma de resistência e militância na literatura. E isso é fundamental, em momentos em que a palavra vem cedendo espaço às imagens e a aceleração cotidiana impõe dificuldades para a concentração e posterior reflexão lúcida sobre os acontecimentos.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Oswald de. Manifesto antropófago e outros textos / Oswald de Andrade; organização e coordenação editorial de Jorge Schwartz e Gênese Andrade. – São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2017.
- BAUMAN, Zygmunt. Vidas desperdiçadas. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BENJAMIN, Walter. Obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. Philarchive. Disponível em: <https://philarchive.org/archive/DIATAT>. Acesso em: 16/03/2020
- RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?*. Belo Horizonte: Letramento, 2017.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. Corpo Forma. (Org.) João César de Castro Rocha. Rio de Janeiro: Ed.: Uerj, 1998.
- HOLLANDA, Heloísa. 26 poetas hoje. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2007.
- \_\_\_\_\_. Cultura e participação nos anos 60. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- \_\_\_\_\_. Impressões de Viagem. CPC, Vanguarda e desbunde, 1960/1970. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004.
- MATUS, Moduan. Blog do autor. <http://moduanmatus.blogspot.com.br/p/p.html>, Visualizado em: 20/03/2020.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty, Pode o subalterno falar? Trad. Almeida, Sandra Regina Goulart ; Feitosa, Marcos Pereira ; Feitosa, André Pereira. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2014
- SKYLAB, Rogério. Matador de passarinho – Rogério Skylab Entrevista Chacal. Youtube, 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Oj3P4tyELog>. Acesso em: 22/03/2020.
- TUAN, Yi Fu. Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência. Londrina: Eduel, 2013.